

RELAÇÕES RACIAIS E RENDIMENTO ESCOLAR

Fúlvia Rosemberg
Da Fundação Carlos Chagas
e da PUC/SP

P

ara apresentação e discussão trouxe alguns resultados do estudo que fizemos aqui na Fundação Carlos Chagas, *Diagnóstico sobre a situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo*. Este *Diagnóstico*, produto de um trabalho coletivo¹, foi realizado graças a um convênio firmado entre esta Fundação, a Secretaria de Educação e o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo.

A parte do *Diagnóstico* que me coube baseou-se em tabulações especiais elaboradas pelo Departamento de Indicadores Sociais — DEISO da Fundação IBGE. É importante destacar, de início, que a única fonte de informações sobre a situação educacional dos segmentos raciais é a Fundação IBGE, através das coletas que efetua para os Censos Demográficos e para as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios — PNADs². Com efeito, o outro organismo coletor e difusor de estatísticas educacionais — a Secretaria de Informações e Estatísticas Educacionais — SEEC, órgão do Ministério da Educação — não

discrimina a pertinência racial do corpo discente, nem docente.

Portanto, serão apresentados e discutidos aqui alguns dados coletados pelo Censo de 1980 e pela PNAD 82 sobre rendimento escolar dos segmentos raciais branco e negro, definindo população negra como o conjunto da população classificada por estas fontes como sendo de cor preta ou parda. Neste sentido, toda vez que me referir à população negra, estou incluindo o resultado da adição das categorias de cor preta e parda.

Apresentação das Tabelas

A primeira constatação que pode se efetuar a partir dos dados contidos na Tabela 1 (relativos à PNAD 82) é que para todas as séries do 1º grau, o alunado negro apresenta índices de exclusão e de repetência superiores ao alunado branco: enquanto 59,4% das crianças negras freqüentando a 1ª série do 1º grau conseguiram ser aprovadas no final do ano, esta proporção sobe para 71,4% entre as crianças brancas. Porém, as crianças negras não só tendem a repetir de ano com maior freqüência que as brancas, como também são excluídas mais cedo do sistema de ensino. A passagem da 3ª para a 4ª série do 1º grau parece determinar o destino escolar das crianças negras: uma em cada dez crianças negras que freqüentavam a 3ª série em 1981, deixa de freqüentar a escola em 1982; entre as crianças brancas a proporção era de uma para vinte.

Os dados coletados pela PNAD 82 sugerem, também, que a trajetória escolar das crianças negras que permanecem na escola é mais acidentada que a das crianças brancas, isto é: as negras enfrentam um maior número de saídas e voltas para o sistema escolar. Esta observação é sugerida pelos dados da Tabela 2 (em especial os da 4ª coluna) onde se constata, por exemplo, que são negras 54% das crianças que estavam freqüentando a 2ª série em 1982 mas que em 1981 estavam fora da escola. Ou seja, eram negras mais da metade das crianças que tiveram esta interrupção escolar entre a 1ª e a 2ª série, enquanto representam 28,6%, cerca de 1/4 dos matriculados na 2ª série em 1982.

Esta trajetória escolar sinuosa sugere não apenas uma dificuldade de interação entre o sistema escolar e o alunado negro, como a persistência deste segmento racial que tenta, apesar das dificuldades, se manter na escola.

1 Participaram do estudo, além da autora deste texto: Regina Pahim Pinto, Esmeralda V. Negrão como pesquisadoras; Cleide Perpétua Andrade e Lucia Lopes Barbieri como auxiliares de pesquisa.

2 Lembro que apenas seis dos nove recenseamentos gerais efetuados no Brasil incluíram questões sobre a cor da população e que esta informação foi coletada pelas PNADs 76, 82, 84 e 85.

Tabela 1

Porcentagem de pessoas de 7 anos ou mais, que freqüentam curso regular de 1º grau em 1981, quanto a freqüência ao mesmo tipo de curso em 1982, segundo a série e a raça — Estado de São Paulo

Situação Escolar em 1982				
Série do 1º Grau Freqüentada em 1981 e a Raça	Não Freqüenta Escola %	Freqüenta a Mesma Série do Ano Anterior %	Freqüenta a Série Seguinte a do Ano Anterior %	Totais
1ª Série				
Branca	3,1	25,6	71,4	522.101
Negra	3,5	37,2	59,4	240.006
2ª Série				
Branca	3,4	15,9	80,7	493.929
Negra	6,3	26,4	67,3	179.823
3ª Série				
Branca	6,0	11,6	82,4	428.155
Negra	10,2	15,0	74,8	163.166
4ª Série				
Branca	10,5	12,0	77,6	413.332
Negra	19,7	7,7	72,7	125.667

Fonte: Tabulações especiais da PNAD — 82.

Tabela 2

Porcentagem de negros, de 7 anos ou mais, freqüentando o curso regular de 1º grau em 1981 ou 1982 de acordo com alguns indicadores de rendimento escolar — Estado de São Paulo

Pessoas de 7 anos ou mais, quanto a freqüência a curso regular em 1981 e 1982 no Estado de São Paulo

Séries do 1º Grau	Negros		Freqüentam em 1982						Não Freqüentam em 1982	
			Freqüentavam em 1981				Não Freqüentavam em 1981		Freqüentavam em 1981	
			Foram Promovidos		Foram Retidos		Negros		Negros	
	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total
1ª Série	31,3	826.002	—	—	38,7	230.673	28,4	594.499	32,8	25.440
2ª Série	28,6	683.855	26,0	547.019	37,6	126.329	54,3	9.246	39,8	28.339
3ª Série	24,2	606.802	23,0	526.625	32,9	74.326	25,4	5.028	38,9	42.899
4ª Série	25,0	542.496	25,2	484.552	20,4	47.109	42,2	9.981	36,2	68.390
5ª a 8ª Série	19,3	1.634.176	—	—	—	—	31,8	47.563	27,8	259.838
Total	24,5	4.293.331	24,7	1.558.196	35,7	478.437	29,2	666.317	31,4	424.906

Fonte: Tabulações especiais da PNAD — 82.

A Tabela 3 apresenta dados coletados pelo Censo de 1980 relativos ao atraso escolar dos segmentos raciais. As informações aí contidas indicam que, para todas as faixas etárias consideradas, a porcentagem de negros *sem atraso* escolar é menor que a de brancos. Por exemplo, no grupo de sete a nove anos de idade, 67,6% dos alunos brancos e 50,0% dos alunos negros *não* apresentam atraso escolar. Nota-se, também, que esta diferença vai aumentando à medida que aumenta a idade do estudante.

A Tabela 4 transcreve dados relativos a atraso escolar e rendimento familiar, privilegiando a informação sobre estudantes que *não apresentaram* atraso escolar.

Percebe-se que mesmo ao se compararem segmentos que apresentam rendimentos familiares equivalentes, a porcentagem de estudantes negros sem atraso escolar é inferior à dos brancos, diferença que vai aumentando à medida que aumenta a idade do aluno. Nota-se, também, que nos níveis superiores de rendimento familiar as diferenças entre os segmentos branco e negro são maiores, diferenças estas, provavelmente, explicáveis pela maior diversidade de rendimentos aí contidos. Isto é, o limite "mais de dois salários mínimos" esconde, provavelmente, uma grande desigualdade de rendimentos entre famílias brancas e negras.

Tabela 3

Porcentagem de estudantes entre 7 e 17 anos, quanto ao atraso escolar, segundo a idade e a raça

Estado de São Paulo – 1980			
Grupos de Idade e Raça	Atraso Escolar		
	Sem Atraso %	Até 2 Séries %	Mais de 2 Séries %
7 a 9 Anos	63,8	36,2	–
Branca	67,6	32,4	–
Negra	50,0	50,0	–
10 a 14 Anos	30,9	46,0	23,1
Branca	35,4	45,6	19,0
Negra	14,4	48,6	37,0
15 a 17 Anos	24,6	37,2	38,1
Branca	27,7	38,9	33,4
Negra	8,1	30,4	61,5

Fonte: Tabulações especiais do Censo Demográfico – 1980

Tabela 4

Porcentagem de estudantes entre 7 e 17 anos sem atraso escolar, segundo idade, raça e rendimento familiar mensal per capita em salários mínimos – Estado de São Paulo – 1980

Grupos de Idade e Raça	% de Estudantes entre 7 e 17 Anos Sem Atraso Escolar Rendimento Familiar Mensal Per Capita em Salários Mínimos					Total
	Até 1/4	+ de 1/4 a 1/2	+ de 1/2 a 1	+ de 1 a 2	+ de 2	
7 a 9 Anos	47,2	49,1	56,2	70,4	87,4	63,8
Branca	49,2	51,6	59,2	72,8	88,0	67,6
Negra	42,3	43,6	48,1	59,2	73,7	50,0
10 a 14 Anos	12,9	14,7	21,6	36,4	62,5	30,9
Branca	14,9	17,3	25,0	39,4	63,7	35,4
Negra	7,8	9,3	13,0	21,4	34,8	14,4
15 a 17 Anos	8,6	9,2	13,2	23,2	43,6	24,6
Branca	10,0	11,1	15,4	25,2	44,7	27,6
Negra	3,0	3,8	5,8	10,4	19,2	8,1

Fonte: Tabulações especiais do Censo Demográfico – 1980

Conclusões

As conclusões, ou reflexões, a partir dos dados apresentados nestas tabelas podem ser resumidas em três pontos:

1º) O sistema escolar interpõe ao alunado negro uma trajetória escolar mais difícil que aquela que interpõe a crianças brancas, sendo destacável a persistência desse segmento da população na procura de níveis melhores de escolaridade.

2º) É, também, destacável o fato de que os estudos brasileiros sobre o sistema de ensino não incorporem, em seus diagnósticos ou em suas propostas de transformação, os aspectos específicos vinculados aos segmentos raciais. Apesar de representar apenas 31,3% das matrículas da 1ª série do 1º grau no Estado de São Paulo, as crianças negras constituem 38,7% das que repetiram a 1ª série em 1982. Tendo em vista a concentração da população negra em outras regiões do país, não me parece exagero afirmar que, possivelmente, enquanto não assumirmos, teórica e praticamente, a questão das desigualdades raciais na sociedade em geral, e no sistema de ensino em particular, dificilmente teremos condição de diminuir significativamente as taxas de repetência e exclusão escolar.

3º) O último ponto que gostaria de discutir — e o mais longo — diz respeito aos mecanismos que estariam levando o alunado negro a vivenciar uma trajetória escolar mais curta e mais acidentada que o branco. Com muita freqüência, tem-se usado o argumento de que estudantes negros apresentariam esta trajetória escolar com freqüentes interrupções, tem-

porárias ou definitivas, para trabalhar. Entretanto, estudando a relação entre atraso escolar e participação no mercado de trabalho pudemos constatar que *sempre* os estudantes negros apresentam atraso escolar mais significativo que os brancos, ou seja, mesmo quando se comparam entre si exclusivamente alunos que só estudam ou que só trabalham. Tais dados parecem sugerir que não seria a participação no mercado de trabalho que determinaria o atraso escolar de alunos negros, mas sim processos intraescolares.

Os dados de que dispusemos, forneceram uma pista importante para avançar a reflexão: de um modo geral, a escola que o alunado negro freqüenta nem sempre é a mesma freqüentada pelo branco (Tabela 5). Assim, as escolas que ministram cursos com menor número de horas — indicador, segundo Lia Rosenberg (1984), da qualidade do ensino — tendem a receber, proporcionalmente, um maior número de alunos negros. Ainda de acordo com Lia Rosenberg (1984), as escolas que atendem população carente também são carentes: geralmente uma escola que oferece cursos com até três horas de duração é uma escola grande, com vários turnos (o que torna a administração difícil), situada em bairro pobre, freqüentada por população pobre. Nestas escolas, os índices de reprovação escolar são maiores, seja por razões materiais, seja por razões simbólicas, como Carlos Hasenbalg mencionou³.

3 Ver comunicação: "Desigualdades sociais e oportunidade educacional a produção do fracasso" p. 24.

Tabela 5

Porcentagem de pessoas de 7 anos ou mais, que freqüentam curso regular de 1º grau por número de horas diárias de curso, segundo o turno freqüentado e a raça — Estado de São Paulo — 1982

Turno e Raça	Número de Horas Diárias de Curso			Totais
	Até 3 Horas %	3 a 4 Horas %	Mais de 4 Horas %	
Diurno				
Branca	2,0	73,4	24,6	2.802.845
Negra	2,7	82,5	14,8	906.974
Noturno				
Branca	9,0	86,9	4,1	361.368
Negra	12,2	84,1	3,7	145.736
Total				
Branca	2,8	75,0	22,2	3.164.213
Negra	4,0	82,7	13,2	1.052.710

Fonte: Tabulações especiais da PNAD — 1982

Ora, parece-me possível sugerir que o sistema escolar (e talvez outras instituições também) tratariam a população negra de forma homogênea: criança negra = criança pobre. É como se a pertinência racial homogeneizasse, para o sistema escolar, a origem sócio-econômica da criança e, nesse sentido, a criança negra tenderia a ser encaminhada (ou aceita) para a escola carente. Levanto, também, como hipótese, a possibilidade de que famílias negras incorporem mecanismos de segregação impostos pelo racismo e tendam a procurar equipamentos sociais frequentados por negros ou por populações brancas mais pobres, como forma de defesa. Estou sugerindo, a título de hipótese, que o sistema escolar empurraria o alunado negro preferencialmente para equipamentos destinados à população pobre, e que este mecanismo poderia encontrar ressonância entre certas famílias negras⁴.

Este último ponto de minhas reflexões chama a atenção para a hipótese da segregação espacial dos segmentos raciais como foi formulada por Hasenbalg (1979, 1982 e 1983) e Silva (1980, 1983). Esta hipótese — praticamente desconhecida no âmbito dos estudos sobre segmentos raciais no sistema escolar — merece destaque não só por seus aportes teóricos

(principalmente quando vinculada aos mecanismos e vivências migratórios), mas também práticos, principalmente no tocante à orientação para políticas públicas. Penso que, no Brasil, teremos dificuldade em fazer passar uma política de quotas especialmente destinadas à população negra nos equipamentos sociais existentes. Veja-se, por exemplo, a discussão noticiada pela imprensa a partir das sugestões da Comissão Afonso Arinos. Penso, por exemplo, que seria mais viável reivindicar-se, no Brasil — ou no Estado de São Paulo — a criação de mais e melhores escolas nos lugares de concentração de população negra, do que reivindicar-se um número X de vagas para negros nas melhores escolas. Ela pode oferecer saídas alternativas para a solução que prevê a instituição de quotas no intuito de corrigir a discriminação racial.

4 É importante salientar que dentro de um mesmo equipamento — por exemplo, dentro de uma mesma escola — é possível gerar espaços segregados. Uma escola, que atenda população relativamente heterogênea, pode criar classes mais homogêneas quanto à origem econômica, possivelmente racial e, também, possivelmente quanto à expectativa sobre a aprendizagem dos alunos. Sabemos, também, que os(as) melhores professor(es) tendem a escolher as classes "mais fortes".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HASENBALG, C.A. As desigualdades sociais revisitadas. In: MOVIMENTOS sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, 1983 (Ciências Sociais Hoje; v. 2)
- _____. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- _____. Raça, classe e mobilidade. In: GONZALEZ, L. & HASENBALG, C.A. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982.

- ROSENBERG, L. *Educação e desigualdade social*. São Paulo, Loyola, 1984.
- SILVA, N. do V. Cor e processo de realização sócio-econômica. In: MOVIMENTOS sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, 1983. (Ciências Sociais Hoje; vol. 2)
- _____. O preço da cor: diferenciais raciais na distribuição da renda no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*. Rio de Janeiro, 10(1):21-44, abr. 1980.